



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol 18, Núm 3, novembro, 2025, pág. 630-654

Por entre rios, igarapés, terra firme e igapós, minha formação se faz: a trajetória dos alunos da Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade na Amazônia no ano de 2023 e 2024

Entre ríos, igarapés, tierra firme e igapós, mi formación se forja: la trayectoria de los alumnos de la Liga Académica de Salud de la Familia y Comunidad en la Amazonía en los años 2023 y 2024

Marcelo Araújo Frazão¹

Kássem Moraes Hauache²

Helena Braule Pinto Simeão³

Kathiane Maria Correia de Almeida⁴

Thayenne Ribeiro Alves⁵

RESUMO

Este artigo relata a trajetória formativa de estudantes da Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade (LAESC.AM) na Amazônia (2023–2024), compreendida sob horizonte fenomenológico-existencial. Trata-se de relato de experiência com abordagem qualitativa. As narrativas de discentes de diferentes cursos da saúde foram recolhidas por formulário on-line e analisadas segundo referenciais da fenomenologia descritiva (descrição do vivido, redução/epoché e síntese eidética), dialogando com a Clínica dos Três Olhares. Os resultados indicam que a formação se produz no encontro com territórios e pessoas, articulando ensino, pesquisa e extensão em ações como campanhas educativas, mutirões e projetos comunitários. Emergiram sentidos de intercorporeidade, pertencimento e responsabilidade ética; tensões institucionais foram ressignificadas como aprendizagem; e a interprofissionalidade apareceu como força do cuidado. Conclui-se que, na Amazônia, formar-se é um processo relacional, corporal e temporal, tecido entre rios, igarapés, terra firme e igapós: continuidades, gestos discretos, bases éticas e momentos de transbordamento que sustentam um vir-a-ser em saúde.

Palavras-chave: formação em saúde; Fenomenologia existencial; extensão universitária; interprofissionalidade.

¹ Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário FAMETRO. E-mail: psi.marcelo.frazao@gmail.com, Brasi. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-6470-7961>

² Acadêmico de Odontologia no Centro Universitário FAMETRO. E-mail: kassemhauache@gmail.com, Brasi. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-5903-9914>

³ Graduada em Odontologia pela Universidade Nilton Lins. Acadêmica de Medicina no Centro Universitário FAMETRO E-mail: drahelenabraule@gmail.com, Brasi. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-2406-541X>

⁴ Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário FAMETRO. E-mail: kathiane.maria98@gmail.com, Brasi. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-1426-4858>

⁵ Acadêmica de Enfermagem na Universidade Nilton Lins. E-mail: thayenneribeiro2020@gmail.com , Brasi. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-5463-1785>



RESUMEN

Este artículo relata la trayectoria formativa de estudiantes de la Liga Académica de Salud de la Familia y Comunidad (LAESC.AM) en la Amazonía (2023–2024) desde un horizonte fenomenológico-existencial. Se trata de un relato de experiencia con enfoque cualitativo. Las narrativas de discentes de diferentes carreras de salud fueron recolectadas mediante formulario en línea y analizadas con base en la fenomenología descriptiva (descripción de lo vivido, reducción/epoché y síntesis eidética), en diálogo con la Clínica de las Tres Miradas. Los resultados muestran que la formación se produce en el encuentro con territorios y personas, articulando docencia, investigación y extensión en campañas educativas, jornadas y proyectos comunitarios. Emergieron sentidos de intercorporalidad, pertenencia y responsabilidad ética; tensiones institucionales fueron resignificadas como aprendizaje; y la interprofesionalidad apareció como potencia del cuidado. Se concluye que, en la Amazonía, formarse es un proceso relacional, corporal y temporal, tejido entre ríos, igarapés, tierra firme e igarapés, que sostienen un devenir en salud.

Palabras clave: formación en salud; fenomenología existencial; extensión universitaria; interprofesionalidad.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que acontece quando o cuidado vira encontro nas margens da cidade? Quando, ali na Panair, o gesto de atenção atravessa a pressa urbana e acende dignidade em rostos que a rua costuma apagar? A pergunta abre este relato porque foi assim, em mutirão, que ligantes da Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade (LAESC.AM) se reuniram diversas vezes para promover de forma multidisciplinar serviços de saúde, distribuir kits de higiene pessoal, cestas básicas e oficinas que iam do autocuidado, a práticas de geração de renda. Cada cuidado, ainda que modesto, alcançava um território inteiro, o território do outro, com sua história, seus medos e afetos.

A cena da Panair, uma das ações sociais da LAESC, não é exceção; é pista. Ela mostra que a formação, na Amazônia, acontece de corpo inteiro. Não é só disciplina e cronograma: é presença que aprende no mesmo passo em que cuida. É o estudante que vai e volta diferente, porque cada fala escutada grava uma dobra na própria forma de perceber o mundo. Em termos fenomenológicos, a formação se dá nesse entre, no ser-com que acontece quando duas experiências se tocam e se afetam, transformando o modo como cada um existe no espaço e no tempo (Merleau-Ponty, 1945/2002; Heidegger, 1927/2010). O “outro” deixa de ser um



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

objeto de intervenção e aparece como alguém que co-constitui a minha própria experiência; e é por essa via que o cuidado ganha densidade (Merleau-Ponty, 1945/2002; Gallagher, 2008).

Na Amazônia, a formação se dá no mesmo compasso da floresta. Rios e igarapés, terra firme e igapós não são apenas imagens geográficas, mas metáforas vivas que ajudam a compreender o modo como estudantes se tornam profissionais da saúde em diálogo com seu território. Os rios, em sua continuidade, lembram que nenhuma formação acontece isolada: ela corre por afluentes, encontra confluências, deságua em práticas coletivas. Os igarapés, pequenos cursos que se infiltram pela mata, simbolizam os gestos quase invisíveis que alimentam a vida acadêmica: uma escuta atenta, um diálogo em sala de aula, um trabalho de extensão que, embora modesto, sustenta todo o curso maior da aprendizagem. A terra firme, por sua vez, fala de raízes e de permanência, do solo teórico e ético que dá sustentação às práticas em saúde, é base, o que sustenta e dá possibilidades de expansão e crescimento. Já os igapós, áreas de inundação e vazante, lembram que a formação também passa por ciclos, por instabilidades, por momentos de transbordamento e de espera, exigindo dos estudantes flexibilidade, resiliência e capacidade de reinventar rotas. Assim, o título deste trabalho, *“Por entre rios, igarapés, terra firme e igapós, minha formação se faz”*, não é apenas poético, mas se torna um mapa formativo que orienta a leitura e dá corpo ao sentido das experiências narradas.

Essa é também a razão de temporalizar o vivido: por que contar 2023 e 2024? Porque formação é tempo, e só aparece com nitidez quando a gente narra. O autor Ricoeur (1984/2010) diz que ao narrar, revivemos no tempo e abrimos passagens que antes eram só pressa. Bonetti (2025) ressalta ainda, viver é sempre temporalizar, e escrever é resguardar a densidade de cada travessia, devolvendo voz às marcas deixadas no tempo. Quando registramos as atividades de extensão, as campanhas, as oficinas, os encontros e desencontros desses dois anos, não pretendemos simplesmente escrever feitos, e sim descrever a textura do que nos



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

formou, os porquês, os sustos, as alegrias, as frustrações que nos amadureceram como estudantes e como gente.

Segundo Castro (2023; 2024), existem três olhares que atravessam e moldam a formação: o olhar que lanço sobre mim, como quem se vê refletido nas águas calmas do rio; o olhar que o outro me dirige, que chega como correnteza que me alcança e me reposiciona; e o olhar que nasce no encontro, tal qual o entrelaço de igarapés que se cruzam e formam novos caminhos. Nessa confluência, eu me vejo visto e, ao mesmo tempo, reconheço o outro como presença viva. Essa tríade desloca a formação do lugar do “espectador técnico” para o da participação encarnada, onde, ao cuidar do outro, sou também cuidado e transformado pelo encontro. Não é um método fechado, mas uma atitude fenomenológica, que pede atenção, *epoché* (suspensão de pressupostos) e abertura ao modo como o fenômeno se revela (Husserl, 1913/2006; Heidegger, 2010).

Aqui, o corpo ganha centralidade. Para Merleau-Ponty (1945/2002), ele não é um objeto que possuo, mas o meu próprio modo de habitar o mundo, uma linguagem silenciosa que fala antes da palavra, um “esquema corporal” que sabe antes de eu saber (Merleau-Ponty, 1945/2002; Gallagher, 2008). Nas ações da LAESC, esse corpo se faz ponte: cada atividade é como um encontro de águas, em que presenças se tocam e produzem sentidos novos; uma oficina não é apenas conteúdo a ser repassado, mas um igarapé de saberes, que corre devagar e alimenta vidas ao redor; um gesto simples de cuidado, medir a pressão, cortar um cabelo, escutar uma queixa, é como lançar raiz em terra firme, devolvendo dignidade a quem se vê muitas vezes à deriva. Quando essa corporeidade se entrelaça com a temporalidade, o “ser-no-tempo” em Heidegger (1927/2010), o cuidado revela-se como travessia: é o modo como o tempo do outro atravessa o meu, e nesse compartilhar de correntes, ambos nos transformamos como quem aprende a navegar no mesmo rio.

É nesse chão de rios que ensinam fluxo, igarapés que sustentam discretamente a vida, terra firme que ancora raízes éticas e igapós que lembram da transitoriedade que se constrói a história da LAESC.AM. Fundada em 2021, a Liga



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

se firmou como espaço multidisciplinar de ensino, pesquisa e extensão, reunindo acadêmicos de diferentes áreas da saúde em torno do compromisso com a comunidade. Entre 2023 e 2024, intensificou suas ações: campanhas educativas, oficinas, projetos de extensão em bairros periféricos, mutirões em áreas vulneráveis, publicação de e-books e simpósios interdisciplinares. Cada atividade, embora distinta, fez parte do mesmo rio formativo que, no conjunto, desenha a identidade dos ligantes.

Por isso, ao narrar essa trajetória, este trabalho busca lançar luz ao modo de como a formação se faz na Amazônia. Entre fluxos e enraizamentos, entre permanências e transbordamentos, entre corpo e território. A introdução, assim, abre caminho para reconhecer a LAESC como espaço de experiência fenomenológica de construção e aprendizado que se entrelaçam, tal qual as águas e as terras da floresta.

Materiais e Método

Delineamento do Método

Este estudo se configura como um relato de experiência com abordagem qualitativa, fundamentado no horizonte fenomenológico-existencial. A pesquisa qualitativa não busca mensurar variáveis, mas habitar o universo dos significados, crenças e valores, atentos à maneira como os fenômenos se dão no fluxo da vida (Minayo, 2015). Aqui, o método é compreendido como uma travessia, em que os rios do vivido e os igarapés das pequenas experiências conduzem os sentidos da formação.

Assim como a Amazônia se organiza por águas que convergem e se dispersam, a fenomenologia nos convida a suspender a pressa explicativa e a escutar o que emerge na experiência, descrevendo-a como se apresenta à consciência (Giorgi & Souza, 2010).

Método

O método fenomenológico, transportado da filosofia para o campo da pesquisa em Psicologia e Saúde, sustenta este trabalho. Ele parte do princípio de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que toda consciência é consciência de algo, e que o vivido só pode ser compreendido quando descrito em sua forma primeira (Husserl, 1913/2006).

Neste estudo, três passos orientaram a análise, inspirados em Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019):

Primeiro passo: descrição do vivido: acolhimento das narrativas escritas pelos ligantes da LAESC.AM, valorizando suas próprias palavras como expressão do sentido da experiência.

Segundo passo: redução fenomenológica: exercício da *epoché*, ou seja, suspensão de pressupostos, para que o fenômeno pudesse se mostrar em sua inteireza. Nesse movimento, o cuidado aparece como modo de ser-no-mundo (Heidegger, 1927/2010).

Terceira etapa: síntese eidética: busca pelas essências que atravessam os relatos, realizadas por meio da variação imaginativa. Aqui, cada narrativa foi lida como se fosse um igarapé de sentido, que, ao se unir a outras, forma o rio maior da formação.

Esse percurso dialoga ainda com a Clínica dos Três Olhares, proposta por Castro (2023, 2024), que acrescenta à análise a dimensão do olhar que lanço sobre mim, do olhar que recebo do outro e do olhar que se constrói no entre. A intercorporeidade em Merleau-Ponty (1945/2002) e a temporalidade em Heidegger se entrelaçam nesse horizonte, revelando a formação como processo relacional, corporal e temporal.

Participantes

Participaram do estudo discentes de diferentes cursos da área da saúde (Enfermagem, Medicina, Psicologia, Odontologia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Farmácia e Biomedicina), todos vinculados à LAESC.AM no período de 2023–2024. O critério de inclusão foi a participação em ao menos uma das ações extensionistas desenvolvidas pela Liga durante esses dois anos.

Os relatos foram coletados de forma voluntária e anônima, por meio de um formulário digital (Google Forms). O instrumento continha perguntas abertas, elaboradas para favorecer uma narrativa livre e reflexiva, convidando os



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

participantes a descreverem suas experiências vividas. Entre os aspectos abordados, estavam a descrição de uma experiência marcante durante a participação nas atividades da LAESC, a escolha de um elemento da natureza (como rio, igarapé, terra firme ou igapó) para simbolizar sua trajetória formativa, as reflexões e sentimentos despertados por essas vivências, bem como os desafios enfrentados ao longo do percurso e a forma como influenciaram seu processo de formação.

Essas questões possibilitaram que os ligantes compartilhassem os significados, aprendizagens e aspirações, revelando a dimensão subjetiva e coletiva da formação em saúde, em consonância com a proposta fenomenológico-existencial deste estudo.

Local da pesquisa

O “local” desta pesquisa é online, realizado por meio do Google Forms, ambiente digital que se configurou como uma espécie de igarapé de palavras, no qual cada estudante pôde deixar correr sua narrativa em fluxo livre.

A escolha dessa ferramenta se justifica pela sua acessibilidade e pela possibilidade de reunir, em um mesmo espaço, múltiplas vozes provenientes de diferentes cursos e turnos. Assim como os rios acolhem afluentes diversos, o formulário digital tornou-se um canal de confluência das experiências vividas na LAESC, permitindo que cada relato fosse acolhido em sua singularidade e, ao mesmo tempo, integrado ao fluxo maior da formação coletiva.

Análise de Dados

A análise foi realizada em quatro , inspirados em Giorgi & Souza (2010), Pereira & Castro (2019) e Meira & Castro (2023):

Primeira etapa, sentido do todo: cada relato foi lido como quem contempla a paisagem de um rio ao entardecer, primeiro é preciso captar a atmosfera geral antes de detalhar seus contornos.

Segunda etapa, unidades de significado: fragmentos de texto foram destacados como igarapés de sentido, revelando vivências relacionadas à temporalidade (Heidegger), à corporeidade (Merleau-Ponty) e ao olhar (Castro).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Terceira etapa, transformação das unidades: os trechos foram interpretados fenomenologicamente, transformando descrições singulares em categorias existenciais mais amplas, como fluxos formativos, enraizamentos éticos e transbordamentos de experiência.

Quarta etapa, síntese final: composição de uma estrutura geral de significados, entendida aqui como um mapa formativo, onde rios, igarapés, terra firme e igapós se unem como metáforas do processo de formação vivido pelos ligantes.

Considerações Éticas

O estudo respeitou os princípios da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, referentes a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, que incluem relatos de experiência e não envolvem riscos diretos aos participantes. Todas as falas foram mantidas em anonimato, garantindo a preservação da identidade dos ligantes.

RESULTADOS

A nascente virou caminho, o curso ganhou fluxo

Antes do leito, há apenas a direção. Que curso um rio escolhe quando ainda não há margens a defini-lo? Para responder a essa pergunta, é preciso retornar a 2023/1, momento em que a presidência da LAESC.AM foi assumida por Marcelo Araújo Frazão, estudante de Psicologia. Entre o receio de errar e a disposição de aprender, abriu-se a possibilidade: um território desconhecido que só se revela na travessia. Talvez a formação seja justamente isso: aprender a seguir águas que ainda não têm margens, permitindo que o percurso se construa no próprio fazer.

Assim como um rio não nasce sozinho, um projeto não se sustenta isolado. Para ganhar corpo e movimento, precisa de outros cursos que se unam, fortalecendo o fluxo. A nascente da LAESC teve 450 inscritos, dos quais 25 seguiram adiante, decididos a aprender, pertencer e servir. As primeiras aulas, sobre atendimento humanizado, ISTs, saúde da mulher, vacinas e multidisciplinaridade na saúde, funcionaram como a terra firme, a base teórica que



Revista AMAzônica, LAFPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

orienta e dá sentido antes do deságue nas ações sociais. Nesse horizonte, Dewey (2011/1938) lembra que o ensino não se reduz à transmissão de conteúdos, mas atua como bússola que organiza a experiência, transformando teoria em direção para o agir. Foi assim que a nascente virou caminho, o curso ganhou fluxo e começamos a desaguar nas primeiras ações de extensão.

Em 15 de abril de 2023, o deságue aconteceu no projeto de extensão Menino Samuel, em Iranduba. Ao lado dos *Insanos MC* (Clube de Motoqueiros), realizaram-se atendimentos multiprofissionais, rodas de conversa e oficinas; levaram-se cestas básicas, roupas, materiais escolares e, sobretudo, presença, o ônibus da FAMETRO, cheio de expectativas e vontade de ser luz em cada comunidade visitada. Ali, a formação se teceu no entre, como propõe Castro (2023, 2024): o olhar sobre si, quando os ligantes se percebem no próprio caminhar; o olhar do outro, que devolve reconhecimento e novos desafios; e o entre-olhares, espaço onde o aprendizado se torna movimento coletivo. Nesse processo, o próprio fazer amadurece e o cuidado ganha densidade, revelando que o ato de cuidar é também ato de transformação mútua.

A água rapidamente se fez correnteza e em 1º de setembro de 2023, a LAESC organizou o I Interligas da FAMETRO, reunindo todas as ligas da instituição em um evento que reafirmou a importância do ensino e da integração multidisciplinar. Na sequência, veio o I SimpLAESC – I Simpósio da LAESC, que abriu novas conexões e rendeu o convite da LAFPE/UFAM para unirmos forças no I Simpósio Regional. Por fim, em 8 de dezembro de 2023, a II Mostra Científica e o lançamento do II e-book consolidaram um ciclo. Não eram apenas eventos, era o rio se alargando, porque cada encontro devolvia uma linguagem mais clara, uma escuta mais apurada e um coletivo mais atento às demandas que emergiam (Merleau-Ponty, 2002/1945; Heidegger, 2010/1927).

No segundo semestre de 2023, chegamos pela primeira vez ao Centro Espírita Sementeira de Luz, instituição que acolhe pessoas em situação de vulnerabilidade. Ali, conversas simples abriram caminhos para o projeto de extensão LAESC na Comunidade. Na Colônia Oliveira Machado, próxima à Panair,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

a parceria com a Cáritas Paroquial e a Igreja São Francisco tornou-se terreno fértil para experiências transformadoras. Os atendimentos realizados com pessoas em situação de rua, revelaram que o cuidado em saúde não se limita a técnicas ou paredes de consultórios, mas se expande no encontro com as múltiplas realidades sociais. Como lembram Ceccim e Feuerwerker (2004), cada história compartilhada devolve ao profissional a consciência de que o cuidado se faz na presença e não apenas no procedimento.

O ciclo do semestre atingiu seu auge em 16 de dezembro de 2023, na Ação Social de Natal, realizada no bairro Mauzinho. A LAESC levou cuidados e solidariedade aos moradores das palafitas em um período marcado pela extrema seca, que afastava cada vez mais o flutuante da margem. A distância, porém, não foi obstáculo: a cada remada para buscar as famílias, o ato de chegar à margem tornava-se tão significativo quanto o próprio atendimento. Foram 180 cestas básicas distribuídas, e a fila formava um verdadeiro igarapé de pessoas. Santos (1996) diz que cuidar também é ser cuidado pelo território, somos transformados ao mesmo instante em que transformamos aqueles que acolhemos.

Em 2024/1, as primeiras confluências surgiram nas salas de aula. Essas confluências simbolizam momentos em que diferentes saberes, vivências e olhares se encontram, como rios menores que desaguam em um leito comum, fortalecendo o curso principal. Nas atividades de ensino sobre comunicação interprofissional, SUS, saúde do idoso e ISTs, a construção do conhecimento aconteceu de forma coletiva: os próprios ligantes se responsabilizaram por planejar aulas e definir programações, permitindo que a teoria dialogasse diretamente com a prática.

Esse movimento de preparação desaguou no II Interligas da FAMETRO, realizado em 22 de maio de 2024, que reuniu todas as ligas acadêmicas da instituição em uma grande celebração do trabalho multidisciplinar. Nesse encontro, revelou-se o que Heidegger (2010/1927) denomina processualidade: a formação como um caminho sempre em construção, nunca um ponto final. Afinal, o que mantém um rio em movimento senão o próprio fluxo que lhe dá vida?



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

No segundo semestre de 2024, o rio seguiu seu curso com o Projeto de Extensão LAESC na Comunidade, realizado novamente na Colônia Oliveira Machado, demonstrando que a saúde se constrói no encontro entre pessoas, territórios e histórias. Em novembro, a LAESC intensificou suas atividades com o I Simpósio de Saúde Translacional e a III Mostra Científica. Nesse movimento, os ligantes deram forma às sínteses de tudo o que vinha sendo construído, por meio de exposições de banners, apresentações orais e trocas de experiências que revelaram a diversidade de olhares e caminhos percorridos.

Cada atividade reafirmava que formar-se não é colecionar certificados ou eventos, mas viver um processo em constante transformação. Como lembra Merleau-Ponty (2002/1945), é o corpo que primeiro aprende, lançando-se ao mundo antes que a razão organize a experiência. Heidegger (2010/1927) chama esse movimento de vir-a-ser: habitar o tempo, deixando-se transformar pelo próprio caminho. Assim, a LAESC segue fluindo, rio que não se fecha, mas se reinventa, levando consigo histórias, afetos e aprendizados que se entrelaçam na travessia.

É nesse constante ir e vir, como o movimento das águas, que se revela o sentido maior da formação: a certeza de que cada travessia nos devolve diferentes, mais sensíveis e mais capazes de cuidar, de nós, do outro e do mundo que habitamos (Castro, 2023, 2024). Cada encontro, seja nas salas de aula, nos flutuantes ou nas ruas, amplia não apenas o repertório técnico, mas também o humano, onde o cuidado se faz presença e não mero procedimento.

Assim como as águas que nunca retornam iguais ao mesmo rio, encerramos este ciclo com a compreensão de que formar-se é fluir. Cada experiência deixa marcas que não podem ser apagadas, apenas transformadas em novos caminhos. Quando o rio parece se aquietar, ele não cessa de existir, ele prepara-se em silêncio para a próxima cheia, para novos encontros, novas travessias.

Assim, este capítulo marca o início de uma travessia formativa, onde teoria e prática se encontram nas águas de um rio em constante movimento. No próximo capítulo, as vozes dos ligantes emergem como narrativas vivas, revelando não apenas o que se faz, mas quem se torna ao fazer.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os rios que nos atravessam

Se no primeiro capítulo vimos o rio sendo formado, agora é tempo de escutar o som do deságue. A formação em saúde não se limita à junção de técnicas e saberes: reduzi-la a isso é negar sua verdadeira essência. Ela também se faz nos corpos que se afetam, nas histórias que se entrelaçam como afluentes e nas comunidades que acolhem e, ao mesmo tempo, desafiam o percurso do estudante.

Assim como o rio se deixa moldar por suas margens, o aprendiz também se transforma a cada travessia, carregando marcas e sedimentos de cada encontro vivido. Formar-se não é apenas acumular conhecimento, mas habitar experiências, permitindo que cada território atravesse o estudante tanto quanto ele o atravessa, numa correnteza mútua de aprendizado e cuidado.

Merleau-Ponty (2002/1945) lembra que a experiência nasce antes da palavra, no gesto, no corpo em movimento, como a água que flui antes de receber um nome no mapa. É na prática viva que os sentidos emergem, para depois se traduzirem em conceitos e narrativas. Assim, aprender é navegar pela formação, deixando-se conduzir, em alguns momentos, pela correnteza das vivências e, em outros, remando contra ela, reinventando o próprio curso.

É com esse olhar que, neste capítulo, as falas dos ligantes são apresentadas como vozes que revelam o fluxo da metamorfose da formação em saúde, com suas confluências, pausas e desvios. Cada narrativa expressa aquilo que Castro (2023; 2024) descreve como os três olhares: o olhar sobre si, quando o estudante se reconhece na própria experiência; o olhar do outro, que devolve reconhecimento ou expõe tensões do cuidado; e o entre-olhares, espaço compartilhado em que a presença do outro reconfigura o sentido do vivido.

Escutar essas vozes é essencial porque, como afirma Freire (1996), ninguém se forma sozinho: nos constituímos na relação com o mundo e com os outros, em um processo contínuo de transformação.

E, assim como as águas que correm nunca voltam a ser as mesmas, cada estudante retorna diferente de cada encontro, carregando em si não apenas o que



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

aprendeu, mas o que se tornou na travessia. A formação é, afinal, um rio vivo, sempre em movimento, convidando-nos a seguir navegando em direção a novas margens, onde outros encontros e sentidos ainda aguardam para emergir.

Os relatos que seguem são como afluentes que se juntam ao rio principal da LAESC: uns chegam com a força da gratidão, outros trazem tensões que exigem espera e reconstrução, outros ainda carregam a alegria silenciosa de uma tarde bem vivida. Todos, no entanto, convergem para uma mesma certeza, somos eternos aprendizes do próprio fazer (2023).

O aprendizado se faz no encontro: transformações no fluxo do cuidado

O que realmente ganhamos ao cuidar do outro? Talvez seja a descoberta de que, ao tocar a vida de alguém, algo em nós também se move, silenciosamente, abrindo espaço para uma nova forma de existir. A gratidão, nesse sentido, torna-se como a nascente que alimenta o rio: uma energia que mantém o fluxo em movimento, mesmo diante das pedras e curvas do percurso.

Há uma grandeza silenciosa nas palavras de Leoa que, ao recordar uma ação social realizada em Paricatuba, nos convida a compreender que o ser-com não nasce de uma obrigação, mas do desejo genuíno de pertencer e de se deixar transformar pelo encontro:

Uma cena que eu gostei muito foi a ação social feita em Paricatuba. Levar alimentos e roupas a pessoas vulneráveis em época de Natal fez eu entender o quanto devemos ser gratos a Deus por tudo, ver o sorriso no rosto daquelas pessoas em receberem atendimento e um pouco de alimentos mostra o quanto elas são gratas a Deus.

Poder ajudar as pessoas de alguma forma, levando atendimento a elas, não tem nada mais gratificante (Leoa, 2025).

As palavras de Leoa revelam que o verdadeiro cuidado está na relação. Não se trata apenas de oferecer algo, mas de reconhecer-se no outro, como parte de um mesmo tecido humano. Quando o ligante olha para a gratidão expressa em um sorriso, ele recebe de volta uma imagem de si mesmo, agora transformada pelo



encontro. Castro (2023; 2024) descreve esse fenômeno como o *entre-olhares*, espaço em que quem cuida também é cuidado, e onde o aprendizado se dá no movimento contínuo da experiência compartilhada.

Nesse processo, a experiência do ser-com passa a ser coautora da formação. Cada rua percorrida, cada rosto encontrado, carrega histórias que ensinam tanto quanto qualquer sala de aula, como lembra Santos (1996). O cuidado se revela, assim, como um processo de mútua constituição, no qual quem acolhe e quem é acolhido se refletem e se transformam mutuamente.

E talvez seja essa a chave para compreender o próximo movimento deste relato: se, até aqui, escutamos a voz da gratidão e da pertença, no próximo capítulo veremos como esses rios ganham forma e fluxo, revelando que a formação não se limita ao ato de cuidar, mas se expande em redes de experiências que sustentam e desafiam o próprio percurso. É nesse fluxo, feito de encontros e desencontros, que se delineia o sentido mais profundo da formação em saúde.

Da confluência à imensidão: rios que formam o oceano

A formação em saúde nunca se constrói no isolamento. Assim como nenhum rio se sustenta apenas com suas águas, o cuidado exige confluência: profissionais de diferentes áreas que, ao se encontrarem, ampliam o fluxo e a potência do fazer. Na narrativa de *Dinossauro Rex*, encontramos essa imagem viva da interprofissionalidade, onde a força não vem do indivíduo, mas da coletividade:

Muito boa ver a gratidão de uma pessoa em situação de rua, [...] trabalhar em áreas diferentes, com profissionais da fisioterapia, por exemplo, é sempre maravilhoso. De todos esses, eu me identifico com o Rio, porque somos fortes e atingimos muita gente. Me sinto transbordar quando consigo exercer um pouquinho a escuta com humanidade, quando ouvimos a gratidão das pessoas (Dinossauro Rex, 2025).

Ao se identificar como rio, Dinossauro Rex traduz poeticamente a interprofissionalidade como fonte de força e alcance. “Porque somos fortes e



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

atingimos muita gente” não aponta para números ou metas, mas para a potência que emerge quando diferentes áreas se somam, criando uma corrente coletiva capaz de chegar a lugares onde, sozinhos, não chegaríamos. Ceccim e Feuerwerker (2004) destacam que o cuidado em saúde se amplia quando os profissionais se percebem como parte de um mesmo processo, atuando em redes de colaboração, e não em hierarquias fragmentadas.

A fala sobre a escuta acrescenta outro elemento essencial: ela é o remanso nesse rio coletivo. É ali, no espaço aberto para a palavra do outro, que o cuidado encontra direção e sentido. Merleau-Ponty (2002/1945) lembra que escutar é mais do que ouvir sons; é colocar o corpo inteiro em atenção, permitindo que o encontro aconteça em profundidade. Assim, a gratidão expressa pelos usuários não é apenas resposta emocional, mas sinal de que ali se estabeleceu presença genuína, um espaço em que a técnica se une à humanidade e o cuidado se faz encontro.

Nessa confluência de vozes, saberes e gestos, o rio segue seu curso, lembrando que a formação em saúde, para se tornar oceano, precisa de todos os seus afluentes, ou seja, o conhecimento técnico, a escuta sensível, a prática compartilhada e a abertura para ser transformado pelo outro.

Tensões do igapó e o trabalho de reconstrução

Nem todas as águas correm tranquilas. Em alguns trechos do percurso, o fluxo encontra igapós, zonas de alagamento, onde o avanço exige pausa, espera e reorganização. A narrativa de *Quatipuru* revela essas regiões desafiadoras, onde a formação se mostra também como experiência de dor, frustração e resistência:

Infelizmente a cena que mais me marca é negativa. Em uma apresentação com banner, meu banner veio errado da gráfica, a coordenadora com zero empatia, Ela disse: se ela não quer, não apresenta. Foi nítido o descaso. Outra cena foi quando dei uma opinião sobre um tema super importante, o secretário tratou a ideia com desdém, falando que ali não era ensino médio, triste.”



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O encontro que mais me marcou foi rumo a Manacapuru, uma troca muito boa com a comunidade, entendemos outras realidades. foi maravilhoso (Quatipuru, 2025).

O sentimento de não ser ouvido fere profundamente. Quando a palavra do estudante não encontra acolhida, algo se rompe no fluxo formativo, gerando insegurança e descrença. Essas situações revelam os limites éticos das instituições que deveriam sustentar o cuidado e a aprendizagem. Heidegger (2010/1927) nos ajuda a compreender que a formação não é linha reta, sem interrupções ou obstáculos, mas um caminho que se constrói no tempo, em meio a rupturas, tensões e retomadas. A experiência, mesmo dolorosa, não se fecha em si mesma; ela se torna possibilidade de transformação.

Jean-Paul Sartre (1943/2005) ilumina essa dimensão ao afirmar que *“não é o que fazem de nós que importa, mas o que fazemos com o que fazem de nós”*. Assim, os acontecimentos narrados por Quatipuru não definem sua trajetória de forma definitiva. O mesmo olhar que poderia paralisar diante do descaso pode ser ressignificado como água que ao ser interrompida em seu curso, logo contorna e retoma seu fluxo, permitindo que o estudante encontre novas formas de agir, reinventando-se no processo. Nesse sentido, a formação é também um exercício existencial de liberdade, onde podemos escolher como responder ao mundo, quando este nos fere.

A vivência em Manacapuru, descrita em sua última fala, simboliza esse movimento de reconstrução. Ali, no contato com a comunidade, o fluxo voltou a se mover: histórias foram compartilhadas, vínculos foram tecidos, e o sentido do percurso foi restaurado. É como se, após atravessar as águas turvas do igapó, o rio encontrasse novamente um curso claro e vigoroso. Tal como as águas que se acumulam e depois encontram uma saída, a formação em saúde não busca evitar tensões, mas aprender a atravessá-las. Cada pausa, cada obstáculo, carrega a potência de se tornar aprendizado vivo.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Águas calmas, como igapó da formação

Nem todo aprendizado nasce do esforço árduo ou de noites em claro sobre os livros. Há momentos em que a formação se revela na suavidade: uma tarde de conversas, uma escuta sem pressa, um gesto simples que se torna inesquecível. Quando o caminho encontra sentido, o que antes era peso transforma-se em leveza, e o aprender acontece de forma natural. A narrativa de Kakapo nos conduz por essas margens serenas, onde a alegria não é apenas um estado emocional passageiro, mas um modo de ser, uma forma autêntica de habitar o cuidado:

Uma das experiências mais marcantes foi a ação com os idosos no SESC. Uma tarde leve, cheia de troca, aprendizado e afeto, como se o tempo desacelerasse e a gente pudesse simplesmente estar ali, ouvindo, conversando e aprendendo. A visita ao Centro Espírita Sementeira de Luz, também fomos recebidos com muito carinho, as pessoas abriram suas histórias, percebi a atenção e a esperança nos olhares deles.

Se eu pudesse comparar minha formação, seria um igarapé. Ele segue com calma, mas nunca para, sempre se conecta com outros caminhos. Senti-me terra firme quando encontrei segurança para aprender e compartilhar, transbordei quando percebi o quanto as vivências me transformam (Kakapo, 2025).

Como encontrar direção em meio às correntezas e desvios da formação? Talvez a resposta esteja em quem caminha com consciência de seu próprio fluxo. A imagem do igarapé se faz como bússola do próprio trajeto. Kakapo, parece encontrar sentido em cada gesto, porque não age apenas para cumprir tarefas, mas por saber o lugar que deseja ocupar. Heidegger (2010/1927) fala desse movimento como autenticidade: quando o sujeito assume suas escolhas de forma consciente, o caminho deixa de ser imposto e passa a ser construção. Nesse modo de ser, a formação não se torna um peso, mas um fluxo, como a própria água do igarapé, porque há clareza sobre o horizonte que se quer alcançar.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Merleau-Ponty (2002/1945) complementa que a experiência não é algo separado do corpo e do mundo: ela se dá na relação viva entre ambos, no gesto que une percepção e ação. A leveza descrita por Kakapo nasce justamente dessa integração, de um corpo presente, de uma escuta aberta, de um estar-com-os-outros em um espaço de sentido compartilhado. Assim, a alegria não se apresenta como fuga da responsabilidade, mas como a expressão mais autêntica de quem encontrou direção no caminho que trilha, permitindo que cada passo seja também um ato de criação de si e de transformação do mundo ao redor.

Se um rio não sabe para onde corre, qualquer obstáculo pode transformá-lo em água parada, presa em seus próprios igapós. Na formação, é assim também: quando não temos clareza do nosso horizonte, os desafios e tensões se tornam barreiras intransponíveis, e o fluxo da aprendizagem se interrompe. Kakapo, ao se perceber como igarapé que segue calmo, mas nunca imóvel, mostra que a leveza vem justamente de saber onde quer chegar.

O relato de Kakapo revela seu próprio modo de ser-no-mundo, certa de que cada encontro, cada escuta, cada partilha constrói um caminho maior, impulsionando-a a seguir adiante mesmo entre pedras, secas ou margens incertas. Como lembra Buber (2001), é no encontro genuíno, no espaço do 'Eu-Tu', que o ser se constitui e se transforma. Assim, não se trata apenas de seguir a correnteza ou lutar contra ela, mas de se deixar afetar e transformar pelos encontros que se dão na travessia.

E talvez reste a pergunta que ecoa nas palavras de Kakapo: para onde corre o rio que somos? O que nos mantém fluindo, e o que pode nos fazer estagnar? A resposta não vem pronta, mas se revela na travessia: nas escolhas que fazemos, na autenticidade de habitar o próprio caminho e na coragem de deixar-se transformar pelo percurso. Porque, no fim, o que importa, é quem nos tornamos ao longo do fazer.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Quando o rio encontra o oceano: horizontes da formação em saúde

Ao reunir essas narrativas, percebemos que elas não se tecem histórias isoladas, mas partes de um mesmo rio. Leoa nos fala da gratuidade e da pertença; Dinossauro Rex destaca a escuta e a força coletiva; Quatipuru traz à tona as tensões e desafios éticos; e Kakapo celebra a alegria e o afeto como formas de cuidado.

Todo rio carrega em si a memória do percurso: as chuvas que o alimentaram, os igarapés que o fortaleceram, as margens que lhe deram forma e os igapós que o desafiaram a encontrar novos caminhos. Ao longo deste relato, vimos a LAESC como esse rio em movimento, nascendo pequeno, encontrando outros cursos, atravessando zonas de calmaria e turbulência, até se aproximar de um oceano que não é fim, mas começo. O oceano, aqui, simboliza a formação em saúde como horizonte sempre aberto, onde as águas se misturam, e a identidade de cada rio não se perde, mas se expande.

Formar-se não é um ato concluído, mas um vir-a-ser, como lembra Heidegger (2010/1927). Não apenas acumular técnicas, certificados ou experiências, mas de se deixar transformar continuamente pela travessia. Cada encontro com o território, cada olhar trocado com usuários e colegas, reinscreve o estudante em uma rede de sentidos. Ceccim e Feuerwerker (2004) já diziam que a formação em saúde se constrói na produção de encontros, pois é no diálogo vivo com a realidade que o cuidado encontra densidade. Castro (2023, 2024) complementa ao afirmar que somos eternos aprendizes: não existe ponto final na formação.

A metáfora das águas nos ajuda a compreender essa dinâmica. Os rios, que representam a continuidade dos projetos e parcerias, mostram que nenhuma ação acontece de forma isolada, tudo está interligado. Os igarapés, com seus pequenos gestos, lembram que a transformação começa em detalhes, uma escuta atenta, uma mão estendida, um olhar que reconhece. A terra firme é a base ética e técnica, construída no ensino e na teoria, sem a qual o rio perderia sua direção. Já os igapós



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

revelam os momentos de espera, de frustração e reconstrução, onde a água parece estagnar, mas, silenciosamente, prepara-se para fluir novamente.

Quando esse rio encontra o oceano, não deixa de ser rio: ele se torna parte de algo maior. Assim também acontece com a formação em saúde. O estudante que se forma não se encerra em um título profissional; ele se insere em uma rede maior de cuidado, onde suas escolhas, saberes e afetos reverberam para além de si mesmo. Freire (2011/1969) lembra que educar é um ato de esperança e transformação, no qual se tecem laços entre pessoas e mundos, produzindo sentidos coletivos. Nesse horizonte, a LAESC - Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade se apresenta como esse ponto de confluência, onde diferentes áreas, histórias e olhares se encontram, formando um verdadeiro oceano de possibilidades. É nesse espaço que o singular se conecta ao coletivo, revelando que formar-se em saúde é também aprender a fluir junto, em um movimento que nunca se esgota, mas se reinventa a cada encontro.

O desafio, entretanto, é não perder o fluxo. Assim como rios podem secar quando perdem suas nascentes, a formação também corre o risco de se estagnar quando não há espaços de diálogo, reflexão e pertencimento. É preciso manter vivos os igarapés, os pequenos gestos, os encontros significativos, que alimentam a motivação e a ética do cuidado. Como nos lembra Castro (2024), ser eterno aprendiz é aceitar que o caminho nunca está totalmente traçado, e que cada passo exige abertura para o novo, disposição para rever rotas e coragem para continuar navegando.

Ao chegar ao fim deste capítulo, lançamos em mar aberto as narrativas. O oceano, vasto e imprevisível, simboliza o compromisso com uma formação para além dos muros da academia, que se estende às comunidades e ao mundo que habitamos. Cada ligante, ao seguir seu próprio curso, carrega consigo um pedaço desse rio coletivo, levando histórias, afetos e aprendizagens que se entrelaçam na grande travessia da saúde. E talvez a pergunta que permaneça, ecoando como maré, seja: como manter o fluxo vivo?



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

A resposta não está pronta, mas pulsa em cada gesto, em cada escolha, em cada ato de cuidado, lembrando-nos que, assim como as águas, formar-se é nunca parar de fluir.

REFLEXÕES FINAIS

Ao longo deste relato, buscou-se compreender como a formação em saúde se tece na experiência vivida dentro de uma liga acadêmica multidisciplinar, tendo a LAESC.AM como espaço vivo de encontros, afetos, desafios e descobertas. O percurso percorrido revelou que aprender a cuidar não é um processo linear ou restrito às salas de aula, mas um fluxo que se constrói na relação com o outro, com os territórios e com a própria história de quem se forma.

Os objetivos propostos foram alcançados na medida em que foi possível desvelar os sentidos atribuídos pelos ligantes às suas vivências, evidenciando que a formação vai além do domínio técnico: ela se funda na escuta, na presença e na abertura ao inesperado. Ao narrar suas experiências, os discentes mostraram que o aprendizado se dá tanto nas conquistas quanto nas tensões, nos rios que fluem com força, mas também nos igapós que exigem pausa e reinvenção.

As narrativas revelaram que cada ação extensionista, cada encontro com comunidades em situação de vulnerabilidade, funcionou como espelho, devolvendo aos estudantes a consciência de que quem cuida também é cuidado. Além disso, o trabalho destacou a importância da interprofissionalidade como elemento central na formação em saúde. Quando saberes e práticas de diferentes áreas se encontram, não se sobrepõem, mas se complementam, produzindo uma rede de cuidado mais ampla e potente.

Em síntese, a LAESC.AM se mostrou não apenas como um espaço de aprendizado acadêmico, mas como um organismo vivo, capaz de transformar tanto os territórios que alcança quanto os sujeitos que dela fazem parte. A metáfora do rio que atravessou todo o texto sintetiza essa compreensão: formar-se é fluir, é seguir em movimento mesmo diante dos obstáculos, permitindo-se ser moldado pelas margens, pelas correntezas e pelas águas que se encontram.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Como eterna travessia, a formação em saúde não se encerra com o término de um ciclo ou com a obtenção de um diploma. Pelo contrário, ela se renova a cada encontro, assim, o maior legado deste estudo talvez seja o convite a continuar navegando, atentos ao que emerge no caminho, certos de que cuidar do outro é também, sempre, um modo de cuidar de si e do mundo que compartilhamos.

REFERÊNCIAS

- Bonetti, A. (2025). *Fenomenologia e temporalidade: Ensaio sobre a experiência vivida*. São Paulo, SP: Vozes.
- Buber, M. (2001). *Eu e tu* (11ª ed.). São Paulo, SP: Centauro.
- Castro, E. H. B. (2023). Nos encontros, des-encontros e re-encontros: A clínica dos três olhares como possibilidade de cuidado no contexto amazônico. *Amazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*, 1(1), 45–63.
<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/11509>
- Castro, E. H. B. (2024). Plantão psicológico em escolas do sistema público de ensino: O estágio básico em psicologia e sua pluridimensionalidade. *Revista Dialógica de Psicologia Fenomenológico-Existencial*, 2(1), 22–40.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9951065>
- Castro, E. H. B. (2023). *Fenomenologia e clínica psicológica: O olhar do entre na formação e na prática profissional*. São Paulo, SP: Vozes.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Castro, E. H. B. (2024). *A clínica como encontro: Diálogos fenomenológicos sobre formação e cuidado*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Ceccim, R. B., & Feuerwerker, L. C. M. (2004). O quadrilátero da formação para a área da saúde: Ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 14(1), 41–65. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100004>
- Dewey, J. (2011). *Experiência e educação* (M. L. Ribeiro, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1938).
- Gallagher, S. (2008). The earliest sense of self and others: Merleau-Ponty and recent work in developmental psychology. *Philosophical Psychology*, 21(1), 45–68. <https://doi.org/10.1080/09515080701874003>
- Giorgi, A. (2009). *The descriptive phenomenological method in psychology: A modified Husserlian approach*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Giorgi, A., & Souza, D. (2010). A descriptive phenomenological method in psychology: Emerging developments. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 10(Special Edition), 1–12. <https://doi.org/10.2989/IPJP.2010.10.1.5.946>
- Heidegger, M. (2010). *Ser e tempo* (F. Castilho, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1927).
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (Livro I, M. Suzuki, Trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Obra original publicada em 1913).
- Meira, J. A., & Castro, E. H. B. (2023). Psicologia fenomenológico-existencial e formação acadêmica: Horizontes e desafios na Amazônia. *Revista Amazônica*, 15(2), 112–130. Universidade Federal do Amazonas.
- Merleau-Ponty, M. (2002). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. Moura, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1945).
- Minayo, M. C. de S. (2015). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). São Paulo, SP: Hucitec.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Pereira, F. A. A., & Castro, E. H. B. (2019). A atitude fenomenológica como caminho para a psicologia existencial: Notas metodológicas. *Revista Abordagem Gestáltica*, 25(2), 179–188.

<https://doi.org/10.18065/RAG.2019v25n2.7>

Ricoeur, P. (2010). *Tempo e narrativa* (Vol. 1, C. M. C. Souza, Trad.). São Paulo, SP: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1984).

Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, SP: Hucitec.

Sartre, J.-P. (2005). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (P. Perdigão, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1943).

Submetido: 16/10/2025.

Aprovado: 28/11/2025

Publicado: 30/11/2025.

Autoria:

Autor 1:

Nome: Marcelo Araújo Frazão

Pós-graduado em Clínica Fenomenológico-Existencial e pós-graduando em Clínica Humanista e Existencial, Docência do Ensino Superior e Saúde Coletiva. Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário - FAMETRO. Atualmente, é presidente da Liga Acadêmica em Saúde da Família e Comunidade (LAESC). Também é membro do Instituto Ory.

Instituição: Centro Universitário FAMETRO - (Ceuni-FAMETRO)

E-mail: psi.marcelo.frazao@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6470-7961>

País: Brasil

Autor 2:

Nome: Kássem Moraes Hauache

Graduando em Odontologia, com interesse em pesquisa científica e afinidade pela área cirúrgica, buscando constante aprimoramento e contribuição para a odontologia

Instituição: Centro Universitário FAMETRO - (Ceuni-FAMETRO)

E-mail: kassemhauache@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5903-9914>

País: Brasil



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Autor 3:

Nome: Helena Braule Pinto Simeão

Graduada em Odontologia pela Universidade Nilton Lins, Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário FAMETRO, Membro da Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade.

Instituição: Centro Universitário FAMETRO - (Ceuni-FAMETRO)

E-mail: draheleabraule@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2406-541X>

País: Brasil

Autor 4:

Nome: Kathiane Maria Correia de Almeida

Enfermeira, pós graduanda em Enfermagem obstétrica, bolsista em pesquisa clínica sobre Hepatite B e HIV/Aids na Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado

Instituição: Centro Universitário FAMETRO - (Ceuni-FAMETRO)

E-mail: kathiane.maria98@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1426-4858>

País: Brasil

Autor 5:

Nome: Thayenne Ribeiro Alves

Acadêmica do curso de Enfermagem, Membro da Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade, Presidenta da Liga Acadêmica Multidisciplinar de Feridas Complexas - LAMFC

Instituição: Universidade Nilton Lins

E-mail: thayenneribeiro2020@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5463-1785>

País: Brasil